

A adolescência em um mundo em transição acelerada: políticas do provisório quanto ao uso prejudicial de substâncias

Adolescence in a fast-transitioning world: Tentative policies as regards the harmful use of substances

Francisco Inácio Bastos¹

DOI: 10.1590/2358-28982026E111336P

RESUMO O artigo sumariza dados e informações acerca das transformações na adolescência/juventude no contexto contemporâneo e sua associação com o uso e abuso de substâncias psicoativas. Diante da profunda reformulação de mercados e hábitos referentes a substâncias lícitas e ilícitas, frequentemente combinadas, cabe repensar os marcos de regulação, prevenção e tratamento. Embora mercados e hábitos tradicionais, lícitos (como álcool e tabaco) ou ilícitos (com o predomínio da coca/cocaína e derivados da cannabis) prevaleçam no contexto brasileiro, cabe prospectar novos mercados e modalidades de uso. Transformações rápidas e profundas não devem conduzir ao medo, indiferença ou inércia. A ciência e a sociedade contemporâneas contam com ferramentas para lidar com esses desafios. Deixando de lado a relativização absoluta de conceitos e políticas, assim como a assertividade sem base conceitual ou empírica, cabe formular ‘políticas do provisório’. O fato de serem necessariamente provisórias não significa ausência de critérios ou marcos, mas sim sua renovação. Cabe adotar: uma racionalidade balizada por limites (bounded rationality); conceitos e métodos da ‘Tomada de decisões em contextos de incerteza’ e da ciência cidadã. Com isso, é possível lidar com os desafios de forma renovada e bem-sucedida nesse e em diversos campos da ciência e da vida em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE Abuso de substâncias. Adolescente. Rede social. Ciência cidadã. Tomada de decisão.

ABSTRACT *This article summarizes data and information about the transformations in adolescence/youth in the contemporary context and their association with the use and abuse of psychoactive substances. Given the profound reformulation of markets and habits related to legal and illegal substances, often combined, it is necessary to rethink the frameworks for regulation, prevention, and treatment. Although traditional markets and habits, both legal (e.g., alcohol, and tobacco) and illegal (with the predominance of cocaine and cannabis derivatives), prevail in the Brazilian context, it is necessary to probe new markets and patterns of use. Rapid and profound transformations should not lead to fear, indifference, or inertia. Contemporary science and society have the tools to deal with these challenges. Setting aside the absolute relativization of concepts and policies, as well as assertiveness without a conceptual or empirical basis, it is necessary to advance ‘tentative policies’. Provisional does not mean an absence of criteria or frameworks, but rather their renewal. It is necessary to combine: bounded rationality; concepts and methods of ‘Decision-making in contexts of uncertainty’, and citizen science. Under this guidance, it is possible to deal with challenges in a renewed and successful way in this and other fields of science and social life.*

KEYWORDS *Substance abuse. Adolescent. Social networking. Citizen science. Decision making.*

¹Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
francisco.inacio.bastos@hotmail.com



Introdução

Poucas vezes na história, assistimos a uma transição tão profunda e rápida de valores, marcos e parâmetros, sejam eles geopolíticos, econômicos, societários, culturais ou comportamentais.

Embora um olhar retrospectivo documente inúmeras transições marcantes, como o advento da Revolução Industrial ou o progressivo declínio do Feudalismo, a transição em curso parece não ter precedentes. Ela combina, de forma inédita, transformações atinentes a indivíduos, seus grupos sociais e das sociedades em um sentido mais amplo (em certa medida, global), com transformações na esfera da informação e da conectividade por meio de redes de uma abrangência até então inimaginável e, mais recentemente, transformações ditadas pela evolução acelerada da inteligência artificial. Não cabe aqui uma análise abrangente desses fenômenos, que têm sido abordados em obras seminais como ‘The Square and the Tower’¹ e, mais recentemente, ‘Nexus’².

O presente artigo analisa, de forma sucinta, a transformação de duas dimensões da vida, por si só, dinâmicas; hoje nichos especialmente fluidos de uma sociedade em transição acelerada de forma geral. Trata-se aqui da adolescência e juventude e do uso de substâncias psicoativas. As duas questões estão interligadas de forma muito intensa, embora de forma alguma exclusiva, como demonstram os trabalhos clássicos sobre o uso de substâncias em uma perspectiva diacrônica que se estende por décadas^{3,4}.

Os jovens são habitualmente curiosos e frequentemente experimentadores de novas sensações e vivências em campos variados, como o da sexualidade e o da modulação da consciência e da percepção. Esses últimos estão associados a fenômenos diversos, com inter-relações complexas – por exemplo, em experiências de uso de psicoativos e transformações, reais ou hipotéticas, de estruturas sociais e valores, como nas comunidades de

usuários do Santo Daime⁵ –, assim como à busca de novas vivências, pelos meios mais diversos. Estes vão das experiências religiosas, do engajamento em causas sociais e movimentos políticos ao uso de substâncias que modulam a percepção e o pensamento, como classicamente explorado por autores como Charles Baudelaire⁶, que cunhou a expressão poética, ainda que parcial, de ‘Paraisos Artificiais’. A concepção de Baudelaire se contrapõe à de outro autor, de origem alemã, mas expressão francesa, Claude Olievenstein, em obra hoje clássica⁷, que equipara os paraísos artificiais à breve ‘lua de mel’ entre o usuário compulsivo e as substâncias psicoativas.

Outrossim, o conceito de ‘Portas da Percepção’, do romancista e ensaísta inglês Aldous Huxley⁸, também guarda pouca relação com as vivências em curso de uso de psicoativos.

Ainda que o uso de psicoativos dialogue com os conceitos de Baudelaire e Huxley, o panorama atual está bem menos associado a uma possível expansão das vivências e a paraísos artificiais do que a um cenário distópico, que conjuga, de forma complexa, prazer e sofrimento, busca da paz, por vezes de natureza espiritual e mesmo beatífica, e risco de morte.

De forma um tanto surpreendente, um dos primeiros autores a estabelecer claramente a distinção entre usos centrípetos e centrífugos, sincrônicos e diacrônicos, dos modos de usar psicoativos foi o poeta e ensaísta brasileiro Paulo Leminski, em breve ensaio hoje pouco lembrado, mas nem por isso menos preciso, e, sob certa perspectiva, profético⁹.

O presente artigo divide-se em três seções, além desta Introdução, que dizem respeito: i) a alguns aspectos da adolescência e juventude; ii) à transição observada na cena de circulação e uso de substâncias psicoativas; e iii) à formulação e implementação de políticas que, para serem minimamente realistas, uma vez que lidam com o fugaz, são aqui denominadas ‘políticas do provisório’.

Parece claro, para observadores e analisadas do mundo contemporâneo, que qualquer

tentativa de prever, com razoável margem de certeza, os desdobramentos da transição em curso está fadada a um possível falseamento, o que não quer dizer que não seja possível elaborar cenários relativamente robustos e distinguir previsões mais ou menos bem fundamentadas, e mais ou menos consistentes (ver debate sobre o tema em Tetlock e Gardner)¹⁰.

Adolescência e juventude: breves observações sobre vivências na era digital

Em março de 2025, foi lançada na Plataforma Netflix® a minissérie inglesa ‘Adolescência’ (‘Adolescence’, criada por Jack Thorne e Stephen Graham e dirigida por Philip Barantini). Não proceder-se-á aqui a mais uma análise da referida série, pois tais análises têm-se repetido à exaustão, sob os mais diversos ângulos, no Brasil, onde estão disponíveis *online* dezenas de análises e comentários, assim como em 70 outros países, nos *sites* sobre séries televisivas em *streamings*¹¹.

O que chama atenção, para além do conteúdo e das questões suscitadas pela referida série, é que elas vêm sendo abordadas pela literatura acadêmica recente, mas chegaram ao público como uma ‘nova’ realidade, que, aparentemente, surpreendeu milhões de telespectadores (em especial pais e educadores, segundo os diversos comentários, no Brasil e nos mais diferentes países).

A influência maciça da internet está longe de ser um fenômeno novo, mas vem sendo majoritariamente discutido no âmbito da sua influência sobre a erosão das democracias e das políticas de justiça social^{2,12,13}. Talvez por ser este um dos fenômenos mais desafiadores e angustiantes do mundo contemporâneo, em que se assiste à progressiva erosão das democracias¹⁴, tenha sido dada menos ênfase ao impacto da internet sobre segmentos da sociedade ou do tecido social *lato sensu*. As plataformas *online* e os aplicativos de trocas

instantâneas de mensagens constituem hoje, talvez, as instâncias mais poderosas na formação ou deformação dos jovens, muito além da tríade clássica do papel dos pais e da família, das escolas e das interações pessoais entre pares. Não por acaso, o debate suscitado pela série enfatiza o fracasso das estratégias de educação familiar, o sucateamento das escolas – no caso, inglesas, mas certamente ainda mais pronunciado no contexto brasileiro¹⁵ – e a disseminação de uma avalanche de *fake news* e *slogans* banais, que fomentam o ódio, a misoginia, o racismo etc.

Zuin¹⁶ analisa a ressurgência do fascismo no seu berço, a Itália, à época de Mussolini e nos dias de hoje, sob a liderança de diversos grupos, que ganham força crescente, como Lega e CasaPound, com base em um conjunto de estratégias e conceitos aqui expostos de forma resumida:

- i. Uso abusivo do pronome pessoal na primeira pessoa do singular – base da emergência e entronização de lideranças populistas e carismáticas;
- ii. O uso do plural ‘nós’ contraposto a eles, sejam estes ‘eles’ minorias étnicas, de gênero etc. Tema explorado pela referida minissérie com relação a uma ideologia de gênero chauvinista e violenta;
- iii. Frases curtas e imperativas, ou seja, uma combinação de *slogans* novos ou repaginados, memes e a substituição do diálogo por assertivas impositivas e convocações para integrar e replicar, de forma acrítica, grupos, movimentos e manifestações (estratégias subjacentes à expressão de que algum conteúdo ‘viraliza’);
- iv. O apelo a cidadãos (no caso da macropolítica) ou a subgrupos (como os membros de um ‘clique’, no sentido técnico de subárea de uma determinada rede social¹⁷), para que se posicionem em oposição a valores democráticos e ao respeito aos direitos humanos.

A influência sobre a (de)formação dos cidadãos é especialmente pregnante, segundo diversos levantamentos (ver as sucessivas pesquisas de opinião regularmente analisadas por Andrew Gelman, em seu *blog* de natureza técnica, mas que merece a leitura do não especialista¹⁸), especialmente entre pessoas mais jovens, do sexo masculino, com baixos níveis de educação e dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

As proporções muito elevadas de eleitores que apostam nessas plataformas políticas, todavia, ultrapassam em muito esses recortes tradicionais, chamando a atenção para um duplo fenômeno: essa dinâmica tem, sem dúvida, uma dimensão micro e mesossocial, atingindo particularmente determinados segmentos, mas também uma dimensão macrosocial, na medida em que tais formulações podem se tornar majoritárias e eleger/perpetuar no poder partidos e lideranças de inclinação fascista, em diversos países (o que já vem acontecendo).

Obviamente, entre adolescentes e jovens, nos quais o sistema nervoso central está em processo de maturação¹⁹ e está em curso um intenso e extenso processo de transformação corporal, mudanças psíquicas e formação de um quadro de valores, atitudes e, eventualmente, hábitos (dentre eles o consumo de substâncias psicoativas, para além da experimentação), essa influência é mais pronunciada, difusa e tem maior e mais ágil disseminação.

Uma característica nova das redes sociais, com base na internet, é a sua dupla capacidade de promover comportamentos de risco, assim como de se tornarem, elas próprias, base, meios e instrumentos de comportamentos compulsivos de uso contínuo e até mesmo dependente²⁰. De forma até então inédita, um conjunto de plataformas *online* é, ao mesmo tempo, passível de criar hábitos de uso compulsivo *per se* (cujas síndromes de abstinência são hoje habitualmente conhecidas como ‘nomofobia’²¹), uma ferramenta de *marketing* de produtos diversos, entre eles, as substâncias psicoativas²², e uma plataforma disseminadora

de comportamentos que, embora não lidem de forma direta com o uso de substâncias, promovem, de forma mediatizada, seu uso, como elementos definidores de uma masculinidade agressiva, de uma diferenciação deliberada e proativa dos subgrupos diante do *mainstream* da sociedade (que repudiam e da qual querem se afastar), e da estigmatização de minorias que se abstêm de fazer uso de algumas dessas substâncias (como as comunidades muçulmanas tradicionais vivendo em contextos ocidentais, em que o álcool é uma substância socialmente aceita).

O novo e ainda pouco conhecido mercado de substâncias lícitas e ilícitas

Cabe olhar a questão sob um óptica complementar: os adolescentes e jovens adultos interagem com um mercado de substâncias psicoativas que difere profundamente daquele que balizou décadas de abordagens preventivas, de tratamento e de redução de danos.

De forma didática, é possível dividir esse mercado em três eixos, embora, em grande medida estes se combinem, de forma complexa e ainda pouco conhecida.

Segundo o *site* do United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), a cada ano, entrariam no mercado mais de 400 novas substâncias – em uma combinação difícil de precisar do que poderia ser denominado ‘Novas substâncias’ e alterações, maiores ou menores, de substâncias até então em uso. O termo guarda-chuva ‘Novas Substâncias Psicoativas’ (NSP) se aplica a todas elas²³.

Grosso modo, pode-se subdividir esse conjunto bastante heterogêneo em três grandes categorias:

1. Substâncias originalmente obtidas a partir de plantas *in natura*, que, devido a pressões sobre a oferta, uma nova geopolítica ou a transformações no âmbito das leis e normas,

desconectam-se das suas matrizes e dão lugar a novos produtos, parcial ou integralmente sintéticos.

Este é o caso, entre muitos outros, dos canabinoides sintéticos, que, com a legalização da *cannabis in natura*, entraram em mercados dos países, especialmente de renda mais elevada, como um produto bastante mais potente, e não regulado pelas leis e normas vigentes²⁴.

Sem pretensão à exaustividade, o que é impossível em um contexto especialmente dinâmico, cabe mencionar aqui as catinonas, que, embora guardem relação com o uso milenar do Khat, especialmente em certas regiões da África e Oriente Médio, difere deste em termos de potência e de seu perfil até então inusitado de síntese, não mais com base na planta, mas sim nos sais de banho²⁵.

2. Substâncias que pertencem ao arsenal terapêutico (em alguns casos, há décadas suprimidos deste, como no caso dos Nitazenos²⁶), ou de uso corrente em determinados campos da medicina (como anesthesiologia ou cuidados paliativos), mas até então ausentes do mercado não terapêutico, como o fentanil²⁷.

Ainda que com diferenças quanto à natureza das indústrias, como as de álcool e tabaco, ou seja, de produtos sem uso terapêutico, há que registrar, em certa medida, a reconfiguração dos respectivos mercados.

No caso do álcool, com as restrições, em diversos países, à propaganda e à comercialização não regulada das bebidas tradicionais (por exemplo, destilados, como a cachaça, e fermentados, como a cerveja), emergem novas combinações, cujo *marketing* é explicitamente dirigido a jovens e/ou mulheres, de acordo com as estratégias de *marketing* das próprias empresas, como os assim denominados '*alcohol pops*' ou '*alcopops*' (não existe, por ora, um consenso sobre como denominar esta classe de bebidas em língua portuguesa), que combinam bebidas açucaradas tradicionais, como as sodas gasosas, e destilados potentes, como a vodka²⁸.

De forma similar, diante do declínio observado em diversos países, inclusive no Brasil,

dos cigarros de tabaco tradicionais, observa-se a consolidação do fumo por meio da vaporização ou '*vaping*' e a renovação constante do que passou a se conhecer por Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEF)²⁹.

3. Em terceiro lugar, cabe mencionar novas combinações de substâncias, que misturam de forma imprecisa, já que sua combinação é feita de forma *ad hoc* e com o explícito propósito de evadir a detecção por parte da química forense e das autoridades a cargo de pressionarem a oferta. Essa manipulação deliberada torna extremamente difícil atuar sobre a oferta, pois há dúvidas quanto ao que controlar/interditar.

Um exemplo típico dessa terceira classe é a Tusi ou cocaína rosa, que, para surpresa de muitos, não tem relação necessária (por vezes, nenhuma) com a cocaína como a conhecemos há décadas (ou seja, um derivado da planta *Erythroxylum coca*). A cocaína rosa/Tusi é uma combinação não definível de produtos diversos, como o anestésico Quetamina, o MDMA, o fentanil (ou outro opioide potente, a xilazina) e, eventualmente, a cocaína dita clássica³⁰.

Para além da perplexidade: as políticas do provisório

Não resta dúvida de que transformações muito rápidas e intensas geram um clima de perplexidade, frequentemente combinado ao pânico e à inação. Os inúmeros desconcertos, polêmicas e impasses que marcaram as iniciativas referentes às duas últimas pandemias, a do HIV/aids e a da covid-19, são amplamente conhecidos, e não cabe aqui repetir centenas de análises publicadas tanto na literatura acadêmica como na imprensa e em outros meios tradicionais de comunicação, como as TVs, e, de forma talvez mais intensa, nas redes sociais de modo geral.

Cabe, entretanto, tentar esboçar o que poderíamos denominar políticas do provisório, com base no campo cada vez mais robusto e diversificado, inicialmente formulado por

Amos Tversky e Daniel Kahneman, do que passou a ser conhecido como “Tomada de Decisões em Contextos de Incerteza”³¹. Esse campo de conhecimento se desdobra hoje em centenas de artigos e livros, com uma vertente que pode ser definida como fortemente matematizada e uma versão complementar, de matriz mais qualitativa e ancorada na *policy analysis* clássica¹⁰.

Não há como finalizar o presente artigo com conclusões e recomendações taxativas. Elas seriam um despropósito em um contexto dinâmico, mutante e, em larga medida, imprevisível.

No entanto, décadas de estudos acerca de formulação de políticas e tomada de decisões em contextos de incerteza permitem adotar uma racionalidade restrita (*bounded rationality*), em substituição a um relativismo absoluto e habitualmente estéril. Vejamos algumas ideias provisórias, que, de qualquer modo, são mais úteis e éticas do que a estigmatização ou a indiferença:

- Cabe monitorar continuamente tendências, sejam elas referente aos pontos de vista, atitudes e comportamentos de indivíduos e/ou de grupos sociais e sociedades nacionais e blocos supranacionais (por exemplo, a União Europeia). A posição do pesquisador e formulador de políticas deve ser o mais livre possível de preconceitos, ideias preconcebidas e afirmações cabais;
- Convém compreender que ciências hoje clássicas, como os diversos ramos da saúde coletiva e das ciências sociais na sua vertente consolidada, devem ser complementadas com o que Mathew Salganik, sociólogo de uma nova geração, denominou em livro que hoje constitui uma referência mundial, de ‘Pesquisa social na era digital’³²;
- Esse esforço implica compatibilizar não apenas métodos, técnicas, mas também fontes. Para além da assim denominada ‘Galáxia de Gutenberg’, ou seja, a cultura letrada clássica, vigente desde o século XVI,

as redes sociais com base na internet vieram para ficar, gostemos delas ou não, estejamos sintonizados com elas ou não. Fato é que um número crescente de pessoas, especialmente jovens, extraem dessas redes suas informações primárias;

- Cumpre tentar regular essas novas mídias (tarefa nada simples e que constitui um desafio global), visando impossibilitar (ou, ao menos, reduzir) a disseminação de discursos de ódio, a discriminação de pessoas com quaisquer déficits e outras minorias, entre tantos outros desafios. Criar *sites* certificados por instituições e profissionais com real conhecimento do que falam. A Fundação Oswaldo Cruz e o Ministério da Saúde do Brasil têm investido nessa direção. Tarefa nada simples diante de uma verdadeira avalanche de *fake news*, mas algo a ser sempre tentado;

- Um monitoramento permanente, em outro nível hierárquico de agregação, aquém da complexidade de indivíduos e agrupamentos sociais, qual seja, o das substâncias em si, na sua dimensão química, inicialmente via química analítica e, eventualmente, química forense.

Obviamente, não é possível formular quaisquer políticas referentes a algo que se desconhece por completo. Embora essa dimensão não exclua as dimensões do psiquismo humano e das configurações sociais, ela é indispensável, e tem sido conduzida com sucesso no Brasil³³, embora em uma escala insuficiente perante a complexidade dos mercados, em um país extremamente diverso, heterogêneo e muito extenso.

- Integrar essas questões à formação de novos profissionais, não como tema exótico ou fortuito, mas tópico central, já que perpassa a vida deles, como profissionais e como indivíduos, jovens que são.

As iniciativas nesse sentido têm sido tímidas, quando não ausentes, frequentemente paralisadas pelo feroz debate ideológico, pela desinformação ou mesmo desinteresse.

Existe aí também um desafio geracional: motivar os mestres, pertencentes a outras gerações, a interagir com alunos mais jovens, com formações e motivações diversas.

Muito pouco vai ser obtido caso essa formação/capacitação se limite a um contingente restrito de especialistas, uma vez que a imensa maioria das pessoas virá a interagir, caso precisem de orientação, tratamento ou apoio com sistemas necessariamente universais e generalistas, como o Sistema Único de Saúde, o Sistema Único de Assistência Social e o conjunto de universidades e escolas técnicas. Obviamente, pensar em sistemas públicos universais não é compatível com uma ampla especialização senso estrito, embora tais sistemas devam sempre contar com uma fração de especialistas, que, mesmo nos sistemas universais de assistência, formação e suporte social dos países mais ricos, é sempre diminuta ante um amplo conjunto de generalistas, que atuam nos níveis básico ou primário de assistência, formação e suporte social.

– Desenvolver programas de redução de danos e de prevenção, a serem desenhados em novos moldes, pois mesmo as análises mais atualizadas das ações de Redução de Danos, como no livro de Szalavitz³⁴, constituem balanços históricos daquilo que teve lugar ao longo de décadas, mas não obras voltadas à prospecção;

– Da mesma forma, iniciativas comprovadamente efetivas em prevenção, como aquelas sistematizadas no *site* do UNODC³⁵, são bastante úteis ao lidar com modos de agir não direcionados à substância A ou B, mas antes voltados para uma comunicação intergeracional difícil, mas necessária, e para o desenvolvimento de interações sociais com base no altruísmo e no respeito aos direitos humanos.

De qualquer modo, tais iniciativas foram avaliadas em contextos, hoje, em transformação acelerada, e devem estar sujeitas a constantes reavaliações e reformulações.

– Finalmente, cabe aplicar a este campo de estudo e ação conceitos oriundos da ciência cidadã, hoje consagrada em vários campos, como a química, em que foi agraciada com o Prêmio Nobel em 2024.

Não existe ainda um conceito universal de ciência cidadã, mas ela se mostra distinta do que se convencionou denominar pesquisa-ação. A pesquisa-ação, ao menos clássica, tem uma dimensão territorial de exploração acoplada à intervenção, pactuada com as respectivas comunidades. A ciência cidadã contemporânea pode assumir essa vertente local e contextual, como em trabalho recente, em que especialistas e donos de cães contrastam e comparam suas experiências com a manipulação por parte dos cães de recursos de letramento audiovisual³⁶.

No entanto, há que considerar também a vertente coroada pelo Prêmio Nobel de Química de 2024, em que um número imenso de *experts* e cidadãos sem nenhum treinamento ou formação de química atuou, de forma distribuída e independente, na elucidação cooperativa de um desafio histórico da química das proteínas, que diz respeito aos modos como estas se dobram e conformam no espaço (ver formulação inicial em Salganik³² e breve síntese dos achados no *site* do Prêmio Nobel).

Claramente, o campo das atitudes, comportamentos e representações de adolescentes sobre temas diversos, e, em especial, temas sensíveis, como o uso e abuso de substâncias, é bastante mais complexo e desafiador do que observar cães ou dobrar proteínas. Todavia, basta lembrar que, em livros-texto clássicos de química, de não muito tempo atrás, a elucidação abrangente da conformação espacial das proteínas era definida como uma tarefa impossível.

Contribuições de autoria

Bastos FI (0000-0001-5970-8896)* é responsável pela elaboração do manuscrito. ■

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).

Referências

1. Ferguson N. *The square and the tower*. Nova York: Penguin Press; 2018.
2. Harari YN. *Nexus*. Nova York: Random House; 2024.
3. Stimson GV, Oppenheimer E. *Heroin addiction*. Londres: Tavistock Publications; 1982.
4. Courtwright DT, Des Jarlais D, Herman J. *Addicts who survived*. Knoxville, Tennessee: University of Tennessee Press; 2012.
5. MacRae E. *Guiado pela lua*. São Paulo: Editora Brasiliense; 1992.
6. Baudelaire C. *Les paradis artificiels*. Paris: Edico; 2021 [1860].
7. Olievenstein C. *Il n'y a pas de drogués heureux*. Paris: Le livre de poche; 1991.
8. Huxley A. *The doors of perception*. Londres: Harper Perennial Modern Classics; 2009.
9. Leminsky P. *Ensaio e anseios crípticos*. Campinas: Editora UNICAMP; 2012. O sonho acabou, vamos bater mais uma; p. 36-40.
10. Tetlock PE, Gardner D. *Superforecasting*. Nova York: Broadway Books; 2015.
11. Kaur H. Teenage boys are in crisis. The creators of Netflix's 'Adolescence' want adults to pay attention. CNN [Internet]. 2025 mar 24 [acesso em 2025 abril 1]; Entertainment. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/03/22/entertainment/adolescence-netflix-teen-boys-wellness-cec/index.html>
12. O'Neill C. *Weapons of math destruction*. Nova York: Crown; 2016.
13. Foer F. *World without mind*. Nova York: Penguin books; 2018.
14. Levistky S, Ziblatt D. *How democracies die*. Nova York: Broadway; 2019.
15. Diniz-Pereira J. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. *R Bras Est Pedag*. 2011;92(230):34-51.
16. Zuin LCS. Analogias entre o pesadelo de Primo Levi e o populismo contemporâneo na Itália. In: Macieira AC, Massi L, organizadores. *Caleidoscópio Primo Levi*. Campinas: Editora UNICAMP; 2021. p. 107-146.
17. Newman M. *Networks*. Oxford: Oxford University Press; 2018.
18. Gelman A. Statistical modeling, causal inference, and social sciences [Internet]. [local desconhecido]; 2025 [acesso em 2025 jun 16]. Disponível em: <https://stat-modeling.stat.columbia.edu/>;
19. Blum RW, Bastos FI, Kabiru CW, et al. Adolescent health in the 21st century. *Lancet*. 2012;379(9826):1567-8. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(12\)60407-3](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(12)60407-3)
20. Brugal MT, Rodríguez-Martos A, Villalbí JR. Nuevas y viejas adicciones: implicaciones para la salud pública. *Gac Sanit*. 2006;20(Supl 1):55-62. DOI: <https://doi.org/10.1157/13086027>
21. Notara V, Vagka E, Gnardellis C, et al. The emerging phenomenon of nomophobia in young adults: A systematic review study. *Addict Health*. 2021;13(2):120-36. DOI: <https://doi.org/10.22122/ahj.v13i2.309>
22. Rutherford BN, Lim CCW, Johnson B, et al. #Turnt-Trending: a systematic review of substance use portrayals on social media platforms. *Addiction*. 2023;118(2):206-17. DOI: <https://doi.org/10.1111/add.16020>
23. United Nations Office on Drugs and Crime [Internet]. [local desconhecido]: UNODC; ©2026. Repositório de dados do UNODC; 2025 [acesso em 2025 jun 16]. Disponível em: <https://www.unodc.org/LSS/Home/NPS>

24. Alzu'bi A, Almahasneh F, Khasawneh R, et al. The synthetic cannabinoids menace: a review of health risks and toxicity. *Eur J Med Res.* 2024;29(1):49. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40001-023-01443-6>
25. National Institute on Drug Abuse [Internet]. [local desconhecido]: NIDA; ©2026. Repositório de dados e informações do NIDA/NIH; 2025 [acesso em 2025 jun 16]. Disponível em: <https://nida.nih.gov/research-topics/synthetic-cathinones-bath-salts>
26. Bade R, Nadarajan D, Hall W, et al. Early identification of the use of potent benzylbenzimidazoles (nitazenes) through wastewater analysis: Two years of data from 22 countries. *Addiction.* 2025;120(9):1739-46. DOI: <https://doi.org/10.1111/add.70027>
27. Carvalho RM, Magalhães-Barbosa MC, Bianchi LM, et al. Shift in hospital opioid use during the COVID-19 pandemic in Brazil: a time-series analysis of one million prescriptions. *Sci Rep.* 2023;13(1):17197. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-023-44533-5>
28. Grenard JL, Dent CW, Stacy AW. Exposure to alcohol advertisements and teenage alcohol-related problems. *Pediatrics.* 2013;131(2):e369-79. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2012-1480>
29. Bertoni N, Szklo A, Boni R, et al. Electronic cigarettes and narghile users in Brazil: Do they differ from cigarettes smokers? *Addict Behav.* 2019;98:106007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2019.05.031>
30. Barbaro L, Bouchard JL. What is pink cocaine? The dark reality behind a colorful name. *J Med Chem.* 2024;67(23):20733-6. DOI: <https://doi.org/10.1021/acs.jmedchem.4c02821>
31. Kahneman D, Slovic P, Tversky A. Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press; 1982.
32. Salganik M. Bit by Bit: Social research in the digital age. Princeton: Princeton University Press; 2017.
33. Antonio ADS, Wurzler GT, Bhering CA, et al. Qualitative transformations of street-seized ecstasy over a decade: A case study in Rio de Janeiro (Brazil). *J Forensic Sci.* 2024;69(4):1198-1211. DOI: <https://doi.org/10.1111/1556-4029.15536>
34. Slazavitz M. Undoing drugs: The untold story of harm reduction and the future of addiction. Nova York: Hachette Books; 2022.
35. United Nations Office on Drugs and Crime [Internet]. [local desconhecido]: UNODC; ©2026. Repositório de dados do UNODC; 2026 [acesso em 2025 jun 17]. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/prevention/>
36. Bastos APM, Evenson A, Wood PM, et al. How do soundboard-trained dogs respond to human button presses? An investigation into word comprehension. *PLoS One* 2024;19(8):e0307189. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0307189>

Recebido em 17/11/2025

Aprovado em 14/01/2026

Conflito de interesses: inexistente

Disponibilidade de dados: os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito

Suporte financeiro: não houve

Editor responsável: Marcelo Moreira Rasga, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Estratégia Fiocruz para a Agenda (EFA2030), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7851702065010431>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3356-7153>, e-mail: rasgamoreira@gmail.com